

Do interior de Pernambuco para o mundo, a reforma assinada por Zé Vágner transforma memória, técnica e afeto em arquitetura premiada e símbolo de uma nova narrativa para o morar brasileiro. Conheça os detalhes do projeto

POR GIOVANNA RODRIGUES *

Da sala de dois metros quadrados instalada nos fundos da loja de vestidos de noiva da mãe, em Feira Nova, no Agreste pernambucano, saiu um projeto que cruzou fronteiras e conquistou o mundo. À frente do Studio Zé Arquitetura, o arquiteto José Vágner Barros, de 34 anos, conhecido como Zé Vágner, venceu a categoria Residencial do prêmio Building of The Year 2026, promovido pelo ArchDaily, com a reforma da já emblemática Casa de Mainha. Mais do que um reconhecimento internacional, a vitória simboliza uma virada de narrativa: a arquitetura feita com poucos recursos, enraizada no território e atravessada por afeto, também é protagonista.

Zé Vágner não percorreu um caminho linear. Filho do interior, escolheu a arquitetura por duas razões: a vontade de criar e o desejo de mudar a própria realidade. “Eu sempre gostei de criar espaços, desenvolver coisas, sempre fui muito inventivo”, resume. Formado pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), enfrentou, durante a graduação, o peso de um ambiente acadêmico que considera elitizado e ainda muito eurocêntrico. “Eu vim de uma realidade diferente. Lembro que quando enviava texto, dissertações, trabalhos, recebia de volta diversas correções de português e gramática, quase nunca do próprio conteúdo.” Sentia falta de uma formação que valorizasse os saberes vernaculares, ancestrais, a cultura do Nordeste.

Suas referências, no entanto, dialogam tanto com o rigor formal quanto com a emoção. Ele cita a arquiteta Lina Bo Bardi como uma inspiração decisiva, não só pelas obras, mas pelo significado social e cultural que ela colocava aos projetos. Também menciona arquitetos como Luis Barragán, Alberto Campo Baeza, Paulo Mendes da Rocha e Oscar Niemeyer.

Mas a realidade do interior impôs desafios concretos: não havia mercado estruturado para arquitetura em Feira Nova. Sem clientes, sem visibilidade, ele precisou criar oportunidades. Apostou nas redes sociais como vitrine e passou a construir uma comunidade que acompanhava seus processos, suas ideias e, mais tarde, votaria em peso na Casa de Mainha. “Quem não é visto não é lembrado”, resume.



Do quintal de casa para o mundo

Arquivo pessoal



Casa de Mainha antes da reforma

